

No papel, não no painel

CORREIO BRAZILENSE

Congresso

CARLOS CHAGAS

Foi, enfim, constituído esta semana o bloco colorido na Câmara dos Deputados, reunindo PFL e PRN. Um excesso de zelo, dirão alguns, já que esses blocos — valem para uma sessão legislativa determinada, necessitando renovar-se de ano para ano. Em especial, quando agora, dia 31, encerra-se não apenas a sessão legislativa, mas a legislatura, que se sucede de quatro em quatro anos em função de eleições.

É claro que o bloco colorido precisará continuar a partir do dia 1º, e os deputados Ricardo Fiuza e Arnaldo Faria de Sá, precavidos, já conseguiram as assinaturas dos novos deputados que vão começar, tanto quanto dos velhos em final de mandato. Até aí tudo bem, em termos de mecânica parlamentar, mas tem um problema: serão confiáveis todos os componentes do novo bloco?

Traduzindo: estar no papel significa estar no painel? Disporá o Governo de confiança cega nos componentes do bloco, que votarão em todos os projetos e necessidades oficiais, de olhos fechados?

Talvez. Porque não se fala, aqui, da independência que cada deputado dispõe para votar caso a caso conforme sua consciência. A crônica do Legislativo revela, através dos tempos, defecções heróicas e defecções velhacas, onde pessoas ou grupos comprometidos com determinados governos encontram razões éticas e morais, altas, além de razões baixas, fisiológicas, para não acompanhá-los por inteiro. Ora são deputados de uma determinada região, como o Nordeste, que se negam a votar propostas capazes de beneficiar ainda mais o Sul, ora são representantes de uma determinada categoria, como a dos fazendeiros, que recusam apoio

a iniciativas do tipo reforma agrária. A recíproca também tem sido verdadeira quando setores mais à esquerda do que uma administração de esquerda insurgem-se contra projetos que julgam insuficientes.

Do que se fala, acima e além (melhor seria dizer, abaixo e antes) das motivações políticas e de consciência, é do fisiologismo. Porque já chegaram a Arnaldo Faria de Sá e a Ricardo Fiuza sinais de que certos companheiros que assinaram as listas, novos e velhos, estão à espera de contrapartidas do Governo. Nomeações, designações de cabos eleitorais para cargos e funções federais, proposições regionais e uma série de reivindicações que, olhadas a grosso modo, encobrem apenas a fisiologia política. O “toma lá, dá cá”, ou, se quiserem, o célebre “é dando que se recebe”.

Um desastre, uma ignomínia; algo inconcebível? Nem pensar. Infelizmente, a política tem sido assim, não apenas no Brasil. E não vai mudar tão cedo.

Vai daí... Vai daí que o bloco está composto, será renovado na semana que vem e deve funcionar, até deixando em aberto a questão da presidência da Câmara. Porque se o candidato do PMDB for Ibsen Pinheiro, os coloridos aceitarão a indicação e tentarão negociar cargos na mesa e nas comissões. Mas se for o dr. Ulysses, emergirá da evidente má-vontade alguma decisão, quem sabe a de apoiar outro candidato no plenário. Será a primeira ocasião de se provar a homogeneidade dos coloridos, já que, ao que se sabe, muitos deles rendem homenagens e se preparam para confirmar aquele mote popular de que “o que é do homem, o bicho não come”. Votarão em Ulysses Guimarães, apesar das aparências. E das assinaturas no papel, porque, no fim, o que vale é o painel...

28 JAN 1991